

Paulo Freire em um novo contexto político. Diálogos necessários

Paulo Freire in a new political context. Necessary dialogues

• **Raquel Quintino**

Núcleo de Estudos de Comunicação Comunitária e Local, Brasil

NOTAS BIOGRÁFICAS

Raquel Quintino é mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo e graduada em Ciências Sociais pela Fundação Santo André. Integra o Núcleo de Estudos de Comunicação Comunitária e Local (COMUNI). Atua como docente na Faculdade de Mauá.

Contacto: raquel.quintino@gmail.com

O Brasil nasceu e cresceu sem experiência de diálogo. De cabeça baixa, com receio da Coroa. Sem imprensa. Sem relações. Sem escolas. 'Doente'. Sem fala autêntica¹.

Num momento em que Paulo Freire passa a ser novamente perseguido, a realização de um seminário internacional para debater o seu legado é de extrema importância. Pesquisadores, educadores e comunicadores comprometidos com o desenvolvimento da participação democrática, necessitam sentar em roda e dialogar sobre os desafios deste período.

O encontro ocorreu em junho de 2019 na Loughborough University, em Londres e contou com debatedores com visões bem diversas sobre o pensamento de Paulo Freire. A conversa que se estabeleceu foi extremamente franca, questionadora e de certo modo esperançosa.

A atualidade e pertinência da metodologia de Freire na sociedade atual foram intensamente debatidas e diferentes posicionamentos se apresentaram, a abordagem sobre a relação opressor/oprimido, as possibilidades concretas para o diálogo e os desafios para atuação dos pesquisadores e da própria ciência demarcaram o debate.

Os comentários aqui apresentados colocarão em destaque algumas posições dos participantes do seminário, seguidas de reflexões que buscam adicionar outros elementos base-

ados em pesquisas e vivências que aprofundam a metodologia Freiriana.

Sobre a relação opressor-oprimido, os interlocutores da mesa problematizavam se esta relação ainda era um foco a ser trabalhado, se o opressor deveria também ser libertado. Frente aos argumentos expostos, Joana Cruz faz a seguinte provocação: “Eu penso que Freire é muito claro em sua mensagem de que nós deveríamos trabalhar com o povo oprimido, porque essas são as pessoas que estão desumanizadas, porque são as pessoas que estão servindo a outras. Então, nós devemos humanizá-las de modo que elas possam humanizar o opressor.”

A opressão estava no centro das preocupações de Freire, no título de sua principal obra. Joana apresenta a humanização como caminho, este termo pode ser um tanto vago. Freire propõe a politização das relações e talvez por esse motivo seja ele considerado perigoso. Essa politização se constrói pela pronúncia da leitura de mundo, que ao descrever a realidade, se transforma em denúncia da opressão e a proclamação do desejo de outro mundo em liberdade.

O diálogo permeado por perguntas, permeadas de intencionalidade política, provoca leituras e análises das variadas formas de expressão

e materialização da opressão. A análise crítica é confrontada pela urgência da organização coletiva para o combate à opressão, aquilo que Freire conceitua como percepção das situações limites.

E o agir organizado e coletivo (círculos de culturas) provocam novas vivências significativas, de horizontalidades e busca comum por saberes necessários para as superações da opressão (síntese cultural).

O papel do intelectual na relação opressor-oprimido foi pontuado por Leonardo Custódio, com o seguinte comentário: “apareceu novamente a ideia de que temos que fazer alguma coisa pelos oprimidos. Isso quer dizer que nós pertencemos a uma outra categoria?”

Paulo Freire enfatiza o “fazer COM os oprimidos e não fazer PARA eles”. Os intelectuais precisam se descobrir oprimidos, a opressão não está no outro. Denunciar as opressões vivenciadas, pronunciar e organizar uma nova ciência para uma nova sociedade precisa estar na urgência das nossas pautas.

As limitações para atuação política em um contexto em que setores antidemocráticos ampliam o controle social através da violência, perseguição, difamação e da propagação da mentira e do ódio, foram preocupações mencionadas pelos debatedores.

Cesar Jimenez Martinez afirma: “talvez, nós também precisemos nos perguntar quanto de seus pensamentos (de Freire) nós podemos realmente aplicar no contexto atual, fazendo referência à importância da práxis em sua obra. Quanto realmente podemos pensar em diálogo no contexto atual? É possível falar do mesmo tipo de diálogo que ele propunha ou precisamos reconfigurar, atualizar? O mesmo vale para a ideia de alfabetização. Quanto podemos falar sobre alfabetização no contexto atual? Em que medida podemos atualizar essas ideias?”

Thomas Tufte constata as dificuldades da participação e a hostilidade das relações: “Eu sinto que estamos vivendo em um momento de crise, de encolhimento do espaço de ação da sociedade civil e a participação da sociedade brasileira vem sendo confrontada, com certa anuência de uma parte da sociedade... o discurso de ódio nas redes sociais, por exemplo. Tudo isso sugere um momento difícil.”

Paulo Freire foi exilado do Brasil no período ditatorial, mas sua metodologia se espalhou por todo o território, pela Educação de Jovens e Adultos, pela Teologia da Libertação, pelo Teatro

do Oprimido, pelos movimentos de luta pela terra, moradia, saúde, etc. Após a sua morte, ele foi condecorado Patrono da Educação Brasileira. Sempre que esse título é questionado, é possível perceber seu legado ganhando novas forças. A realização deste seminário é um exemplo deste fenômeno.

A atualidade de Freire reside em sua abordagem, cujo centro é a comunicação, estimulada por uma educação participativa, em que o conhecimento se constrói pela solução coletiva de problemas. Esses são os componentes das chamadas práticas educativas inovadoras, que recebem um novo nome em inglês numa versão despolitizada². Em tempos de silenciamento, encarceramento e extermínio de massa, a educação dialógica se faz ainda mais necessária.

Nos momentos finais, os pesquisadores presentes questionaram as limitações e possibilidades para o exercício de uma educação libertadora no momento atual.

A práxis freiriana exige envolvimento com processos e sujeitos da transformação, organizados a partir de uma intencionalidade política vinculada a um projeto de sociedade. Sem o envolvimento, sem a ação transformadora, a práxis é reduzida a teorias e especulações distantes de sua proposta epistemológica, que consiste em aprender transformando.

Outro aspecto fundante desta metodologia é a construção do projeto político-pedagógico, que se constrói coletivamente através do diálogo, que denuncia a realidade opressora e pronuncia o sonho de uma vida melhor. Qual é o centro dos projetos acadêmicos em que estamos inseridos? Como estamos planejando e avaliando o processo de produção de conhecimento científico?

Estar em movimento, analisando causas e consequências das ações e sistematizando os aprendizados com os sujeitos do processo é o papel do educador, pesquisador, comunicador freiriano. A leitura das obras de Paulo Freire sem este envolvimento torna suas palavras estéreis. Por outro lado, realizar sua leitura, vivenciando os desafios da práxis, direciona, alimenta e aproxima aqueles que percorrem os mesmos dilemas éticos e metodológicos.

Ana Suzina compartilha a seguinte vivência e reflexão: “eu estava observando essa comunidade no interior da Amazônia, onde eles tinham uma rede de jornais comunitários impressos, desenvolvidos com um amplo envolvimento comunitário, escrevendo juntos, inclusive à mão, desenhando, fazendo cópias. Eles abandonaram

tudo isso para criar páginas no Facebook. E minha primeira análise foi que o espírito comunitário estava se perdendo ali, porque eles estavam migrando para plataformas totalmente individuais. Eles chegaram mesmo a me dizer que, assim, eles não precisavam consultar ninguém mais, porque poderiam acessar as páginas e escrever o que quisessem. Minha primeira reação foi que o sentido de comunidade estava se perdendo ali, tem alguma coisa importante se perdendo nisso. Mas, então, mudança diz respeito ao contexto e aos recursos. E um membro daquela rede me disse que eles não iam perder o que eles construíram antes juntos”. Ana Suzina reflete que precisamos ter paciência e dar tempo para que aquilo que semeamos seja germinado.

Destaque final para a fala de Jorge González que reacende a esperança propagada por Paulo Freire: “Estive trabalhando com a Cicilia [Peruzzo] em uma pesquisa de campo. Ambos nos encontramos, no Brasil e no México, a consistência desse trabalho tão concreto, dessa práxis...é a única coisa que dá esperança em um mundo que se desconectou e destruiu a esperança... A ciência, todas as ciências, têm a missão de criar uma perspectiva processual que mostre essa evolução permanente.... acabamos de editar um livro ‘Ninguém está morto se continua lutando’. As ideias de Freire continuam lutando; não apenas lutando, semeando”.

Que outras rodas de conversas como esta se espalhem pelo mundo.

Paulo Freire vive em nós.

“O que foi feito, amigo de tudo que a gente sonhou.

O que foi feito da vida, o que foi feito do amor.

Quisera encontrar aquele verso menino que escrevi há tantos anos atrás.

Falo assim sem saudade, falo assim por saber.

Se muito vale o já feito, mais vale o que será.

E o que foi feito é preciso conhecer para melhor prosseguir.

Falo assim sem tristeza, falo por acreditar .

Que é cobrando o que fomos que nós iremos crescer.

Outros outubros virão. Outras manhãs plenas de sol e de luz.”

Milton Nascimento

NOTAS

¹ Freire, P. (1982). *Educação Como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

² Design Thinking é o conjunto de ideias e insights para abordar problemas, relacionados a futuras aquisições de informações, análise de conhecimento e propostas de soluções. Retirado de: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Design_thinking&oldid=56653486.